

CURINGA

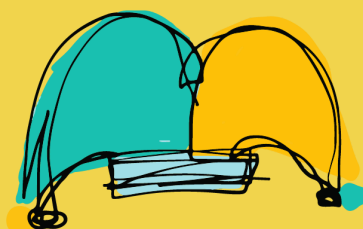
EDIÇÃO 04 | FEVEREIRO 2021 | DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Fotografia por Rodrigo Macedo, @rodrigomacedo no Instagram.



**VIVEMOS EM RESISTÊNCIA E LUTA
E PRECISAMOS FALAR DO QUE DÓI**

VIOLÊNCIA E MORTE



O Projeto Curinga é uma iniciativa particular, sem fins lucrativos. O intuito é deixar uma marca positiva no mundo.

ESTA REVISTA É DISTRIBUIDA GRATUITAMENTE E ONLINE.



CAPA POR RODRIGO MACEDO, [@RODRIGOMACEDO](#) NO INSTAGRAM

Design da revista por Lara Goulart, Maria Fernanda Daniel,
Maria Júlia Figueiredo e Natali Nunes

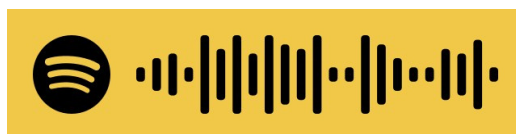
Realização conjunta por todes es voluntáries do Projeto Curinga.



Continue acompanhando

Todas as informações: [AQUI](#)

Fale comigo no [@projetocuringa](#) no instagram
ou pelo email contato.projetocuringa@gmail.com



Aproveite para ler a revista ouvindo a playlist do tema

É só rastrear o QR Code com o Spotify ou acessá-la [aqui](#)



E para complementar a leitura com algum dos filmes indicados

É só rastrear o QR Code ou acessá-la [aqui](#)

SUMÁRIO

04. O OLHAR DO CURINGA

Carta da editora, por Lara Goulart.

05. NOTÍCIAS

Compiladas pelas administradoras.

05. CONTO DE FARDAS

Ilustração por Theodore Silva

06. MORTE E LEMBRANÇAS

Texto por Juliana Veríssimo.

06. SEM TÍTULO

Ilustração por Gabi Martins.

07. ISSO LEMBRA UM FILME

Coluna por Sol.

08. O GRITO MAIS ALTO

Poema por Ana Beatriz MS.

08. VIOLÊNCIA E MORTE

Ilustração por Wesley Azevedo.

09. ENCONTRO DE VISÕES

Coluna por Beth Correa.

10. ALVO

Poema por Maria Júlia Figueiredo.

10. SEM TÍTULO

Colagem por Maria Júlia Figueiredo.

11. 1/78

Coluna por Ana Laura Ferreira.

12. CORPOS POLITIQUES

Ilustração por Theodore Silva.

13. SOBRE IMPOTÊNCIA...

Texto por Bianca Barboza.

13. PRISÃO PERPÉTUA

Ilustração por Maria Fernanda D.

14. CAOS

Poema por Isabel Mariano.

14. APONTAR

Ilustração por Maria Fernanda D.

15. O FUTURO É AGORA

Coluna por Alex Pereira.

15. EM MEU OLHO

Desenho por Victoria Pizzirani.

16. CLAREANDO

Coluna por Maria Clara Daniel.

16. SEM TÍTULO

Fotografia por Maria Clara Daniel.

17. AGRADECIMENTOS

Carta de finalização do Curinga.

18 CRÉDITOS

Todes es realizadores da Revista.

O OLHAR DO CURINGA

Nada há no mundo tão humano quanto a morte. E nada tão real quanto a dor. E nada tão irreal e absurdo quanto a vida.

Hei de balançar a escultura de lego do ego de tentar ser, a todo o tempo, humano. E farei soar meus sinos nos cacos sob a sua pele que não sabe se é de fato gente. Escorrerá sangue, poderemos respirar e ter fôlego para gritar que acordamos — em vida.

Ouçam!

Esses corpos embriagados pelos sabores do mundo tendem a esquecer-se dos sabores de si próprios. Esses de barro, de carne, de suor, de sangue. A vida tem sabores que se tornam cheiros bonitos, mas que não são nossos, é só na morte que somos objetos, nela é que somos o cheiro — ela que nos faz humanos.

Morrer é mais real do que viver, o eu nasce da fantasia de que a existência pula de uma imagem, nasce do sopro no barro. É na morte que existe um corpo. Nela, existe um ser que se pode ver estático mesmo em meio à vida, que é como água no aquário do peixe em movimento. Movimento e fantasia, a vida. Mais fantasiosa do que viva, e sem lupa só se vê real nas mortes ao longo dela. Aquelas que nos permitem lembrar quem somos na efemeridade veloz e absurda que é ser movimento vivo em todas as cores e sabores.

A dor pede pausa, inspira. A dor tem cheiro de humanidade, é uma pequena morte — a dor e o prazer de doer.

Só ela une corpo e alma — só ela enlaça o eu, faz nós.

Carta na manga: Se viver é o tempo de morrer e doer entre um nada e outro, não se pode tirar a seriedade da vida — nem da morte — nem, muito menos, desistir de morrer. Ou de viver. E de saborear.

Lara Goulart
EDITORA CHEFE
[@LAARAVILHOSA](#)

ALTA EM ASSASSINATOS

O Brasil teve uma alta de 4% nos assassinatos nos primeiros nove meses deste ano em comparação com o mesmo período do ano passado. É o que mostra o índice nacional de homicídios criado pelo G1, com base nos dados oficiais dos 26 estados e do Distrito Federal.

No período, foram registradas 32.298 mortes violentas, contra 31.022 no mesmo período do ano passado. Ou seja, 1.276 mortes a mais.

MORTE À 2020

A Netflix produziu uma comédia intitulada Morte à 2020. A plataforma divulgou um teaser nas redes sociais, no qual mostra que Samuel L. Jackson, Lisa Kudrow, Hugh Grant, entre outros, estão no especial. A pandemia do novo coronavírus afetou uma série de produções culturais em 2020, inclusive da Netflix.

VIOLÊNCIA POLICIAL

O Brasil será levado à Corte Interamericana de Direitos Humanos para julgamento por violência policial. O caso em questão se refere ao assassinato do trabalhador rural Antonio Tavares Pereira e ao ataque violento a outros 185 trabalhadores do MST (Movimento Sem Terra dos Trabalhadores Rurais) por policiais militares. A agressão aconteceu enquanto a PM reprimia uma marcha pela reforma agrária realizada no Paraná, em 2000.

Só agora o caso foi levado à julgamento internacional e a Comissão da Corte alega que isso é um exemplo da impunidade no contexto de violência ligada às demandas rurais do Brasil.

NOTÍCIAS

COVID, VIOLÊNCIA E NEGLIGÊNCIA

A pandemia tem sido um evento complexo. Por um lado, o vírus é inevitável. Suas raízes ainda são incertas e, mesmo que tenham a ver com responsabilidades humanas, uma vez que está tão difuso quanto hoje, não temos ainda o que fazer a respeito. Por outro lado, muito da situação crítica que enfrentamos poderia ter sido evitada.

A negligência com a qual o Estado trata o perigo, o descaso que destina às mortes e a subestimação que carrega do impacto do vírus são alarmantes.

No Brasil, até o dia 25/02/2021 já somam 251.498 mortes por Covid-19, tendo sido este último dia o mais letal até agora, com 1.582 mortes em 24h.

São 251.498 vidas violentadas e perdidas.

O Projeto Curinga se compadece de cada uma delas e daquelas que as envolviam. Às últimas, todo o nosso amor e desejos de força para lidar com o luto.



[*"Conto de Fardas"*, ilustração por Theodore Silva, @theodorevsilva, voluntário fixo do núcleo de Mídia]

MORTE E SUAS LEMBRANÇAS

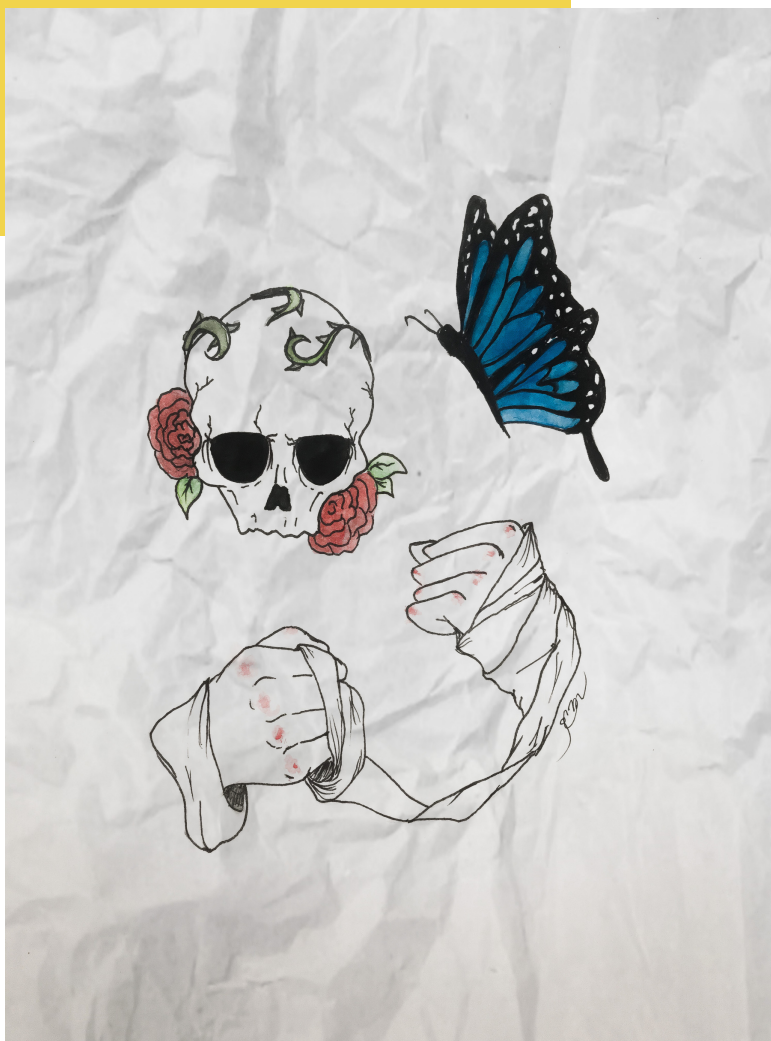
[Juliana Veríssimo, 18 anos, cis, branca, estudante de Administração, [@verissimo.juh](#), redatora fixa]

A morte é a lembrança e com o tempo lembramos dela.

O fim de um ciclo, no qual não sabemos quando termina.

Assim como a vida, precisamos da morte presente para termos vida.

A morte pode ser injusta em determinados casos e, junto com ela, a luta por justiça... Mas ela também pode ser acolhedora, como o sol em um dia nublado. E as lembranças vêm com a morte, no início dói como uma pontada fincada num coração que não consegue seguir em frente, e a lembrança se torna uma dor que... poderia ser diferente? O tempo se torna a cura e a lembrança acaba sendo o remédio que canaliza essa dor.



["Sem título", imagem por Gabi Martins, 21 anos, artista, estudante de Letras, [@plantsandplanet](#), voluntária do núcleo de Revisão]



Coluna

ISSO ME LEMBRA UM FILME...

[Ana Junqueira, 'Sol', 22 anos. [@restlessol](#) em todas as redes. Formada em cinema e redatora fixa]

Curingas lembraram de:

Para Sempre Alice (2014), de Richard Glatzer e Wash Westmoreland

A Dra. Alice Howland é uma renomada professora de linguística na Universidade de Columbia. Quando começa a esquecer palavras e se perder em suas corridas diárias, Alice precisa encarar um difícil diagnóstico: um início precoce de Alzheimer. Enquanto a mulher, uma vez vibrante, batalha para manter o senso que tem de si própria, seus três filhos assistem a mãe desaparecer a cada dia sem poder ajudar.



Para acompanhar, Sol recomenda:

Amor (2012), de Michael Haneke

Georges e Anne são um casal octogenário de professores aposentados de música. Sua filha, também música profissional, vive na Grã-Bretanha com sua família. Um dia, Anne tem um derrame e a relação de amor do casal é severamente testada, com Georges tendo que tomar difíceis decisões em relação à esposa. Já começo avisando que a temática da vez é pesada. Trago aqui dois filmes que tratam, para além do tema

Violência e Morte, o processo doloroso de aceitação de tais violências e mortes. De maneiras diferentes, ambas essas narrativas chegam ao mesmo lugar. As perspectivas, entretanto, mudam um pouco. Em *Para Sempre Alice*, Alice é ainda relativamente jovem e ativa, tudo que sofre deriva de uma doença que ninguém esperava que a atingisse. Assistir como seus filhos reagem à deterioração da mãe e a dificuldade da própria mulher de se segurar aos restos de sua sanidade e hábitos é de partir o coração.

Em *Amor*, a relação da filha com os pais é mais distante, os pais já estão tão velhos que a morte é algo esperado - embora ainda temido. A maior dificuldade, portanto, não vem de quem está de fora, mas sim do próprio casal. Georges, que tem tanto amor por Anne e passou uma vida tão longa ao lado da esposa, tem que lidar com o desaparecimento lento e contínuo dela, exasperado depois do derrame. A maior dificuldade, portanto, não vem de quem está de fora, mas sim do próprio casal. Georges, que tem tanto amor por Anne e passou uma vida tão longa ao lado da esposa, tem que lidar com o desaparecimento lento e contínuo dela, exasperado depois do derrame.

Ele sempre soube que chegariam a isso, mas encarar os fatos se prova uma tarefa mais difícil do que o esperado.

Lidar com a violência proveniente de um mal que atinge a saúde da pessoa, e mais, lidar com as micro-agressões daqueles que amam quem sofre, é algo difícil de assistir. O corpo doente se torna inválido para muitos que assistem sua deterioração e a mente que o ocupa passa a se esquecer de como as coisas um dia foram. É difícil de assistir e difícil de pensar sobre, mas é, eventualmente, algo que grande parte de nós vamos passar um dia.

Espero que esses filmes tornem esse processo mais fluido ou, ao menos, mais bonito.

O GRITO MAIS ALTO

Só se preocupam se tem sangue,
Se surram até o oxigênio não entrar.
Agora quando gritam,
Sussurram impropérios,
Humilham até perder sua alma,
Ninguém liga.
Talvez até riam.
Se não romper o fio,
A violência pode morar.

[Ana Beatriz M S; @_pode.entrar_ no Instagram;
Escritora de poemas urbanos e traços livres,
focando em textos de amor próprio, amores
saudáveis e negritude, voluntária flutuante]

["Violência e Morte", ilustração
por Wesley Azevedo, 22 anos,
@kiwi.studio no Instagram,
voluntário flutuante]



*"A vida é uma longa morte.."*

Essa frase foi extraída de um diálogo do filme *Orpheus*, do diretor francês Jean Cocteau. O filme é da década de 50 e no gancho dessa fala lembrei-me de outra, proferida pelo poeta romano Marcus Manilius: "começamos a morrer no instante em que nascemos".

Quando vi que o tema do mês seria sobre violência e morte achei difícil porque sou (ou estou) na estatística de pessoas que já passaram pela experiência de ter alguém próximo que morreu em circunstâncias brutais. Minha sobrinha, afilhada, minha princesa de 23 anos foi assassinada com requintes de crueldade pelo marido. Ela só queria ser feliz em outro relacionamento. Seis anos para conseguir a prova de sua morte, quatro anos de recursos judiciais para o assassino, júri popular, condenação justa e, ao final, ele saiu pela porta que entrou, a da frente. Não há palavras para definir... mas isso pode ser um outro tema. Muitas Nanas estão morrendo assim todos os dias e é necessário falar sobre isso.

Trouxe esse exemplo pessoal porque a violência, para muitos, está num terreno abstrato, como era para mim. E nessa situação não dimensionamos como se processa a extensão da

dor diante a perda de alguém que amamos. A expressão "sem chão" começa a fazer sentido e, sem referências de como lidar com o brutal, tudo desmorona à nossa volta. A violência ecoa na alma... somos tocados de modo profundo por ela, com consequências emocionais das mais variadas possíveis, muitas vezes para além da alma, a violência altera todo um status quo (estado das coisas) existente. A dor só foi diluída quando ouvi outras pessoas que passaram pela situação. Compartilhar a dor nos ajuda a aceitar, a reviver e a compreender que não vale a pena ser igual ao agressor.

A violência acompanha a história da humanidade desde sempre. Será que a banalizamos mais agora do que antes? Eu não consigo crer. Evoluímos muito pouco no âmbito moral e o pouco que foi avançado veio na esteira das conquistas do direito legal, muito mais do que no campo da consciência de que ninguém merece ser tratado de forma vil e cruel, nem mesmo quando a pessoa for agente de ações dessa natureza. Vocês já pararam para pensar ou refletir que esse ciclo pode não fechar porque o foco está no campo errado de abordagem? Tenho pensado nisso desde os fatos que narrei

acima. Eu não me anestesiiei, posso assegurar a vocês, diante a violência cotidiana, ao contrário, eu me fragilizo diante dela. Mesmo não querendo tomar conhecimento das desgraças que ocorrem no mundo (senão enlouqueço) e as nossas que já são por vezes duras de encarar, somos levados a vivenciar as várias faces desse lado sombrio, insano e cruel das pessoas na nossa timeline e daí você revive a dor ou sua lembrança e a impossibilidade de interferência é mais um fator de acréscimo. Ferida que não fecha.

Não vou glorificar a dor, mas é por ela que não perco minha convicção de que o mal causado pela violência em qualquer esfera é indigno do ser humano, não se pode aceitar. Se eu a perder, eu deixarei de ser humana e validarei a violência como instrumento para eliminar meu semelhante. Não dá, não mesmo! A finitude é nossa única certeza e está para além do nosso controle, desejo ou poder, mas eliminar a brutalidade que a acomete deve ser nossa obrigação para o novo milênio. Já não se trata mais de uma questão de direito, mas de ser justo.

[Maria Júlia Figueiredo, 20 anos, mulher, branca, cis, hétero; estudante de serviço social, @amaria.julia; administradora do projeto e responsável pelo núcleo de design]

ALVO

Sou alvo,
Alvo de mim e do que me cerca
Você também!
Alvos desesperados e receosos
A dor é iminente.
O sangue escorre, ilusão do fim
Cada suspiro, um pingo
De pouco em pouco o sangue se esvai
Quando não me manter em pé, sei que fiz ou tentei
Ser além da dor.



["Sem título", colagem por Maria Júlia Figueiredo]



Coluna
1/78

[Ana Laura Ferreira, 19 anos, mulher cis branca,
estudante de Psicologia, @anaborgesfe no
Instagram; redatora fixa]

IV. O IMPERADOR

Correspondendo à carta 4 (número ligado à estabilidade e firmeza), O Imperador é uma figura rígida e poderosa. O homem representado está com o olhar firme, sentado em seu trono adornado por imagens de carneiros, os quais trazem a potência dual que ele possui.

Ora destrutivo e ora criador, ora generoso e ora tirano, este arcano guerreia por seus objetivos – sejam eles esmagar um inimigo ou trazer abundância ao ser povo – fazendo-nos lembrar da célebre frase de Maquiavel: “Os fins justificam os meios”. Quanta violência é necessária para alcançarmos o que queremos? É justificável usar violência (em outres e nós mesmos) para termos o que desejamos? Mortes podem ser justificadas com resultados? Trabalhar até a exaustão, nos exigindo cada vez mais produtividade, justifica ter um bom padrão de vida? Colocar em risco nossa saúde fazendo dietas ilógicas faz valer estar mais perto do padrão ditado? Matar pedaços de quem realmente somos para agradar outras pessoas ou sistemas é aceitável?

O Imperador, com sua grande barba branca, nos remete à ideia de ser detentor de uma notável sabedoria. Na mão direita segura um Ankh (cruz egípcia que simboliza a Vida) e na esquerda, um orbe que representa o globo terrestre, o qual ele domina. Visualmente elaborada, a carta apela para que confiemos que O Imperador trará a estabilidade apresentada, mas a qual custo?

A figura autoritária pede que sejamos responsáveis e trabalhemos para conquistar o que é nosso. No entanto, somente temos a

possibilidade de alcançar o que é nosso dentro dos panoramas de um reino já duramente estruturado. É como se a efígie, em seu aspecto negativo, dissesse: “As mulheres podem e devem trabalhar para terem seus pequenos impérios, mas

não ganharão mais que os homens”; “Crianças que moram em favelas têm o direito de irem à escola e terem oportunidades para um futuro próspero, mas pode ser que sejam atingidas por balas perdidas”. Com quanta violência e morte se fazem realidades?

Desse modo, cabe a nós resgatarmos os aspectos positivos do Imperador. Meditando sobre os custos de nossas ações, devemos, como imperadores de nossas almas, procurarmos a prosperidade e refletirmos sempre: os fins justificam os meios?



[Carta "O Imperador", do Tarot de Rider Waite]

CORPOS POLITIQUES



["Corpos Politiques", ilustração por Theodore Silva, [@theodorevsilva](#), voluntário fixo do núcleo de Mídia]

SOBRE IMPOTÊNCIA DE AMAR UMA PESSOA EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA

[Bianca, 25 anos, bacharel em psicologia, @biancabrbz no Instagram; redatora fixa]

Eu amo uma pessoa que está sofrendo violência. Na verdade, ela não está numa situação de violência momentânea. Ela já nasceu em um lar violento. Ela convive com diversas facetas da violência, pois por um infortúnio do destino lhe coube ser criada por pessoas que reproduzem nos outros as diversas agressões que sofreram.

É desesperador amar uma pessoa que corre perigo. É difícil entender como a vítima se mantém nessa posição. Parece que ela está paralisada e o nosso impulso é oferecer uma solução mágica, como se a pessoa nunca tivesse pensado naquilo. Entretanto, qualquer intervenção pode causar uma piora. Sabemos como a justiça funciona, como a polícia atua, como a proteção social é falha e como a pessoa violentada vive cerceada, sem escolhas, sem ajuda e, ainda por cima, multiplicando o peso da violência, agindo contra si mesma se enchendo de culpa.

É mais comum do que parece. Nós nunca sabemos onde vai parar. Ou será que sabemos? Essa pessoa que eu amo me disse: “Me sinto um navio, ele é uma âncora. Eu estou parada e preciso me livrar da âncora. Eu não tenho forças pra puxar uma âncora”. Como é que se livra de uma âncora? É fácil para quem está de fora sugerir uma ruptura total – solte a âncora, deixe ela se afundar sozinha – sem considerar a complexidade dessa decisão. Não somos nós que vivemos o desespero de ser humilhados pelas pessoas que mais deveriam te amar. Não somos nós que temos que escolher entre a solidão e a manutenção de um vínculo que agride.

Eu estou presente. Eu estou disponível. Eu acompanho. Ajudo a prestar atenção nos detalhes. Nada disso é suficiente. Ajudo a pensar em alternativas, mas por enquanto, para ela, há

uma única saída. Ouvi que a paz apenas chegaria quando a morte fosse buscar um dos dois. As fantasias sobre a morte são comuns, embora (ainda) não tenha uma busca mais ativa com relação a ela. A culpa por desejar a morte de quem você ama também oprime. Mesmo que seja a mesma pessoa que te mata aos poucos. A morte é uma conclusão que pode ser alívio e salvamento para algumas pessoas. A morte é vista como uma entidade divina com poderes de justiça algumas vezes.

Ficamos chocados quando vemos Sue Klebold dizendo que pediu a Deus para que seu filho morresse para que não matasse mais pessoas durante o massacre em Columbine. Ficamos abalados quando vemos a mãe de um participante de um reality show pedindo para que o público vote por sua eliminação para que ele não sofra mais violência psicológica no

programa. Por vezes, a morte parece ser a única saída. A morte é uma realidade presente. O que nos causa a verdadeira angústia, são as escolhas que temos que fazer até que ela se apresente de vez.



[“Prisão Perpétua”, ilustração por Maria Fernanda Daniel, 17 anos, signo aquário, @mafernandaniel no Instagram; voluntária fixa do núcleo de Design]

CAOS

[Isabel Mariano Nunes, 20 anos,
@isabel_mariano no Instagram; redatora fixa]

Sinto-me insignificante
Sinto-me um desastre caótico
Nesse mundo mais caótico ainda
Sinto-me fraca
Não me sinto eu

E é assim que ele vem
O pensamento de que a morte está aqui
Tentando me alcançar...
Será que posso me aproximar mais dela?
Será que devo?

Acho que divaguei demais
E me mostrei demais também
Preciso ficar bem
Não tenho tempo para pensar em morrer
Preciso ficar bem
Eu estou tentando ficar bem
Por favor, que tudo fique bem



["Apontar", ilustração por Maria Fernanda Daniel,
17 anos, signo aquário, @mafernandaniel no
Instagram; voluntária fixa do núcleo de Design]



Coluna

O FUTURO É AGORA

[Alex Pereira Rodrigues (@alexesoh), homem cis, 28 anos, pardo, homossexual. Atua como escritor de ficção científica no gênero biopunk, professor, revisor, tradutor e estudante de Letras na UEMG. Redator fixo]

EM BREVE, ROBÔS

Nesta edição da revista, na qual tratamos de violência e morte, a coluna busca trazer uma nuance social de violência que assustou muito nossos parentes e que aos poucos traz sofrimento a tantos outros que vivem na atualidade lidando com a presença das máquinas retirando o salário e o dinheiro de suas vistas.

Há muito tempo perpassa pelo imaginário humano a possibilidade de ter a mão de obra trabalhadora substituída pelas máquinas. Porém, como esse processo é gradual, pensamos que no próximo século seja possível termos automatizado a maioria das interações que ocorrem hoje.

Um reflexo do que se era esperado por alguns escritores já se torna verdade quando as cédulas de papel dão espaço às moedas digitais. Os caixas de supermercado são substituídos pela interação do cliente com o computador. E ainda, quando entramos em lojas de calçados e acessórios que mesclam o estoque e a pronta entrega sem a necessidade de atendente.

Para além disso, Isaac Asimov, em Fundação, já trabalha a ideia de colônias além da terra, sem dizer do clássico “Eu, Robô” escrito por ele. O autor, assim como muitos, imagina colônias iniciadas pela maquinaria para posteriormente do avanço humano nestas regiões planetárias e impérios galácticos. Possivelmente, nossas futuras gerações não consigam acompanhar e estar presente nesses acontecimentos. No entanto, o avanço biotecnológico ainda

não demonstrava por onde substituição do homem por seres melhorados poderia chegar. Coisa que hoje, já faz parte do nosso presente. Assim, fica o convite para que possamos refletir sobre, onde quer que estivermos, se o futuro já não nos alcançou

singelamente, surpreendendo nossos pais e causando nostalgia em nossos filhos.

A pobreza é uma das mais vergonhosas formas de violência que muitos permanecem virando as costas para essa realidade, acreditando que a meritocracia é o sistema que funciona. Infelizmente, vemos que não é o mérito por qualidades, uma vez que a tecnologia ocupa espaço de pessoas que nitidamente precisam de algo e são negadas por substituição. Partindo dessa analogia, convido os leitores a voltarem seus olhares críticos para as demais produções da revista.



[“Em meu olho”. Desenho por Victória Secco Pizzirani, 20 anos, feminino, estudante de Arquitetura e Urbanismo, @vick_pizzirani, redatora fixa]



VIOLÊNCIA NO FIM DA TARDE

não importa o cenário
só sente o crescer dos corpos sobre os outros
sob o meu
é no escuro
ou no claro
no lotado ou só nós dois
o meu corpo vira algo que nunca precisou ser
cardápio
seletivo tu que escolhes o meu, o nosso, o dela
para se atirar
abocanhar
a boca que me
acanhou
me calou e me fez sentir nada
desconstituir o que eu entendia por meu e aquilo que era público
de desejo
de carne
de morada minha e só minha
por direito
eu me odiei pelo o que você fez
fiquei enjoada de me olhar
o espelho que refletia o seu rastro
podridão
definhava na escuridão
e repetia na minha cabeça
tudo aquilo pra que eu esqueça
que a culpada não fui eu!
naquele chão frio em que o sangue me escorreu pela perna
o meu corpo me traiu
e o que restou no meu lugar?
pus-me de pé
e de volta pra essa culpa
eu não quero não
não fujo nem enlouqueço
para cuidar de mim
só eu mesmo
e bem me lembrei
que antes de tu
já era eu
por mim

[*"Sem título"*, por Maria Clara Daniel,
[@_outro_eu.](#)]



Saudações, curingas!

Como vocês sabem, janeiro foi um mês atípico no Projeto e não tivemos revista. Aqui finalizo, então, a primeira revista de 2021.

Mas esse final carrega consigo um outro: do tema de janeiro, retomada do início desse trabalho, e das interlocuções entre este e o que dá vida a esta revista.

E me despeço de ambos com muito carinho, gratidão e, claro, com muitas reflexões. Termos discutido Violência e Morte, ainda mais após vivenciarmos Corpos e Sexualidades, foi importantíssimo, além de muito revelador.

Esse tema nos revirou, morremos e nascemos em ideias e concepções. Ele nos permitiu acessar lugares dolorosos e outros férteis e bonitos. Nos proporcionou cura em alguns pontos e o despertar típico da dor em outros. Nos despedimos com a certeza de que ele não morre. E saímos mais fortes, com a certeza de que renascemos.

E agora, caminhamos aos próximos lugares colocando mais uma vez nossos corpos no mundo, carregando nossas cinzas, curando feridas e sendo resistência. Lutamos pela paz.

A todes que constroem esse Projeto, estendo o meu amor e agradeço profundamente por caminharem comigo e me fazerem o Curinga que sou. Desejo a vocês vida. E que essa vida não negue a morte digna e nem deixe de lutar contra a violência que a ameaça. Uma vida repleta de recomeços, leveza e amor.

Vidas curingas que permitam que sejam o que vocês quiserem ser.

Com amor,

Curinga

Realizadogies

FIXES

Alex Pereira Rodrigues – Redação
Ana Laura Borges – Redação
Ana Luisa Anunciação – Administradora | Redação | Revisão
Ana Junqueira (‘Sol’) – Redação | Mídia
Bianca Barboza – Redação
Débora Maranhês – Redação | Revisão
Elizabeth Correa – Redação
Esther Goulart – Mídia
Gabriela de Campos Martins – Revisão
Gabriela Roberta Silva – Revisão
Isabel Mariano Nunes – Redação
Juliana Veríssimo de Paula – Redação | Revisão
Lara Goulart – Administradora | Redação | Redação | Mídia | Design
Lucas de Oliveira Santos – Redação | Revisão
Maria Clara Daniel – Administradora | Redação | Design
Maria Fernanda Daniel – Design
Maria Fernanda de Sousa e Silva – Revisão | Mídia
Maria Júlia Guimarães Figueiredo – Administradora | Redação | Design
Natali Nunes de Souza – Design
Nathália Gomes – Administradora | Redação | Revisão
Tayline Oliveira Santos – Revisão
Victória Secco Pizzirani – Redação
Vivian Theodore Silva – Mídia

FLUTUANTES

Ana Beatriz M S - Voluntária Flutuante
Rodrigo Macedo - Voluntário Flutuante
Wesley Azevedo - Voluntário Flutuante